

TENHO UM ALUNO AUTISTA, E AGORA?

UM GUIA SOBRE AUTISMO PARA PROFESSORES E
FUNCIONÁRIOS DA USP



**Desenvolvido pelo
Coletivo Autista da USP**



ÍNDICE

O que é o Transtorno do Espectro Autista?.....	1
Níveis de suporte.....	4
Crises no autismo.....	5
Comorbidades.....	6
Direitos dos autistas.....	7
Eu tenho um aluno autista. Como proceder?.....	8
Resumo.....	13
Referências e recursos adicionais.....	15
O Coletivo Autista da USP.....	16
Créditos.....	17

O QUE É AUTISMO?



O **Transtorno do Espectro Autista (TEA)** é uma condição do neurodesenvolvimento. Ou seja, o desenvolvimento do cérebro de uma pessoa autista é diferente de uma pessoa típica. É um transtorno permanente e para o qual não existe cura. Entretanto, algumas terapias podem ajudar o indivíduo a desenvolver habilidades sociais, motoras, de função executiva e fala.

O autismo é um espectro

O autismo é chamado de espectro por apresentar uma variedade de sintomas e formas em que irá se manifestar. Por exemplo, algumas crianças têm atrasos nos marcos infantis, outras podem se desenvolver muito rapidamente em determinadas áreas e exibir dificuldades em outras. Devido a essa diversidade de traços, algumas pessoas podem passar a vida inteira sem o diagnóstico ou recebê-lo apenas na vida adulta.

Déficits na comunicação social

O autismo é uma deficiência que afeta a comunicação e interação social. Uma pessoa autista pode ser tanto não verbal (com ou sem linguagem funcional) quanto apresentar capacidades de fala e linguagem preservadas. Entre as maiores dificuldades do autismo estão: estabelecer e manter relações sociais, entender formas de comunicação verbal e não verbal e reciprocidade socioemocional.

Padrões de comportamento

Outras características do TEA são padrões restritos e repetitivos de comportamento e atividades. Uma pessoa autista tem dificuldades com quebras de rotina, mudanças (por menores que sejam!), experimentar e fazer coisas novas. O estresse que uma mudança repentina causa em um autista pode levar até mesmo a uma crise de agitação. É comum que autistas tenham nichos de interesse específico, que podem durar a vida inteira e no qual depositam grande quantidade de tempo.

É comum que autistas também tenham movimentos repetitivos chamados "estereotípias". Esses movimentos têm função de regulação sensorial e emocional, eles são movimentos como balançar o corpo para frente e para trás, girar em círculo, balançar as mãos, girar a cabeça etc. Alguns desses movimentos podem ser autolesivos e precisam ser trabalhados em terapia.

Reatividade a estímulos sensoriais

Os autistas também têm diferenças no processamento sensorial, ou seja, o olfato, audição, tato, paladar, podem ser hiposensíveis ou hipersensíveis. Alguns autistas, por exemplo, não conseguem lidar com alguns tipos de sons. Outros não se importam com sons, mas não conseguem comer um determinado tipo de alimento.

O autismo está presente precocemente no desenvolvimento

Idealmente, o TEA deve ser identificado até os três anos de idade, para que a criança tenha acesso à terapias e aprenda estratégias para lidar com suas dificuldades. Entretanto, este nem sempre é o caso. Muitos autistas, principalmente aqueles que apresentam desenvolvimento esperado, não recebem o diagnóstico ou só o recebem na vida adulta, quando procuram eles mesmos uma avaliação neuropsicológica.

Prejuízos em áreas importantes da vida

O diagnóstico de autismo é feito quando os sintomas causam prejuízo significativo na vida de uma pessoa. Os sinais de autismo têm de estar presentes desde a infância e não serem causados ou melhor explicados por outros transtornos.



Autismo: quebrando mitos!

MITO: Pessoas autistas não têm capacidade para se integrar na sociedade, e principalmente para estudar em uma universidade.

O autismo pode ser acompanhado ou não de comprometimento intelectual, e pode exigir diversos níveis de suporte. Vários autistas têm maior nível de independência e nenhum comprometimento intelectual. Por exemplo, a USP tem dezenas de estudantes no espectro autista.

MITO: Autistas são verdadeiros gênios e prodígios.

Este é um mito bastante difundido na mídia, e que foi fortalecido após o diagnóstico, verdadeiro ou não, de algumas pessoas famosas. Entretanto, essa ideia é falsa e nociva. Autistas podem ou não destacar-se em algumas áreas, assim como qualquer outro tipo de pessoa.



NÍVEIS DE SUPORTE

Habitualmente, chama-se o autismo de leve, moderado e severo. Entretanto, para fins diagnósticos e para evitar a falsa impressão de que o autismo leve traz pouco prejuízo e a estigmatização do autismo severo como algo ruim e totalmente incapacitante, utiliza-se os níveis de suporte. Eles são três e trazem uma perspectiva melhor da quantidade de apoio que um autista precisa em seu dia a dia:

1. Necessita apoio
2. Necessita apoio substancial
3. Necessita apoio muito substancial

Esses níveis são determinados a partir do grau de prejuízo na comunicação e a adesão a comportamentos repetitivos e restritos, de comorbidades e cognição. Existe a possibilidade da mudança de nível, embora não aconteça facilmente. Em certos casos de maior necessidade de suporte, a pessoa pode apresentar diminuição constante das habilidades adquiridas. Para um nível de menos suporte, pode haver ganho de habilidades decorrente de terapias.

Em outros manuais diagnósticos, classifica-se o autismo a partir da presença ou não de comprometimento da linguagem funcional, a presença ou não deficiência intelectual e a severidade desses comprometimentos.

CRISES NO AUTISMO

As características de TEA devem causar prejuízo significativo para serem consideradas traços de autismo. Um desses prejuízos são as crises. Uma crise autista pode se assemelhar a um ataque de pânico ou crise de ansiedade, porém tem causas diferentes.

Um autista pode entrar em crise ao ser exposto a algum estímulo sensorial que o incomode muito. Por exemplo, ser exposto a muitos estímulos sonoros ou visuais durante um longo período de tempo. Os autistas têm também dificuldade de entender, regular e expressar seus próprios sentimentos. Por isso, um ou vários acontecimentos de carga emocional forte, seja ela boa ou ruim, podem levar a uma crise.

Os tipos de crise são denominadas de **meltdown** e **shutdown**. Um meltdown costuma ser mais visível, em que há algum tipo de expressão emocional externa: chorar, gritar, autolesão, ou outros. Já um shutdown é mais interno, e é caracterizado pela perda temporária da habilidade de fala e de percepção do ambiente.



O que fazer em uma situação de crise?

A primeira coisa a se fazer durante uma crise é retirar o autista do ambiente e levá-lo para um lugar mais calmo. É muito importante perguntar ao próprio autista o que pode ajudá-lo, entretanto, as perguntas precisam ser simples, de preferência que possam ser respondidas sem utilização da fala. Alguns autistas se beneficiam de abraços fortes, com muita pressão, outros preferem não ser tocados. Por isso é importante perguntar: "posso te abraçar?", "posso te levar a outro local?"



COMORBIDADES

Comorbidades são muito comuns no autismo. Por vezes, é necessária uma avaliação mais precisa para entender que os sintomas não são apenas daqueles transtornos mais comuns (ansiedade, depressão, por exemplo). De fato, cerca de 70% dos autistas podem ter um transtorno mental comórbido.

A grande maioria dos autistas apresenta também Transtorno de Ansiedade Generalizada. Afinal de contas, muitas coisas que causam grande sofrimento ao autistas não são controláveis. Uma mudança de rotina imprevisível acontece a todos, mas o TEA, muitas vezes, não permite a habilidade de adaptação necessária para lidar com tais situações.

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é muito comum entre autistas, junto com outras dificuldades de aprendizado como dislexia e discalculia. Em alguns casos, existe também a deficiência intelectual associada e/ou transtornos de linguagem e/ou fala e alterações sensoriais.

O autismo, sendo um transtorno que afeta o desenvolvimento global da pessoa, é responsável por causar outros transtornos como os listados. Isso, sem dúvida, aumenta as dificuldades encontradas por pessoas no espectro.



DIREITOS DOS AUTISTAS

A pessoa com TEA é expressamente considerada como pessoa com deficiência (art. 1º, §2º, Lei 12.764/2012 - Lei Berenice Piana). Como tal, lhe são assegurados todos os direitos do Estatuto da Pessoa com Deficiência (EPcD - Lei 13.146/2015) e da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CIDPCD), além das demais normas setoriais.

Destaca-se o direito à educação, devidamente sedimentado no ordenamento constitucional como direito de todos (art. 205, CF/1988). Às pessoas com deficiência, devem ser asseguradas adaptações razoáveis em todos os níveis educacionais, incluindo o ensino superior (art. 24.5, CIDPCD; art. 28, EPcD).

Adaptação razoável é aquela que, sem acarretar ônus desproporcional, proporciona à pessoa com deficiência condições para realizar, com igualdade material, as atividades de ensino, exercendo seus direitos e liberdades fundamentais (art. 3º, VI, EPcD). Exemplos dessas adaptações podem ser formas de avaliações alternativas, oferta de local separado para realização de exames, tempo adicional, entre outros.

Negar tais adaptações após solicitação é considerado discriminação contra a pessoa com deficiência (art. 4º, §1º, EPcD), já que impede que esta exerça seus direitos em paridade de condições com os demais. Como tal, o indivíduo que negou a adaptação está sujeito às sanções legais previstas no art. 88 do EPcD. Adaptar uma atividade não é conceder um privilégio, e sim efetivar um direito reconhecido extensivamente na ordem legal brasileira.

Na USP, destaca-se a Política de Acessibilidade Pedagógica (PAP) da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (Deliberação CG-FD nº 01/2022), que estabelece uma rotina administrativa na qual, a partir da solicitação do aluno, as adaptações necessárias são informadas semestralmente a todos os seus professores, sendo de cumprimento obrigatório.

EU TENHO UM ALUNO AUTISTA. COMO PROCEDER?

O aluno autista pode pedir algumas adaptações para que ele tenha melhor desempenho na sua matéria. A melhor maneira de lidar com isso é conversar com o aluno e entender quais são suas dificuldades e quais acomodações podem ser aplicadas à didática para melhor aproveitamento. É importante ressaltar que a inclusão e adaptação de material para autistas não é opcional, **é um direito previsto por lei que deve ser aplicado.**

Nas próximas páginas, apresentamos alguns cenários que você pode se deparar com o seu aluno autista. Reiteramos que, apesar das nossas sugestões, o mais importante é conversar com seu aluno autista e compreender quais são as adaptações mais adequadas para seu caso. Afinal, o TEA é um espectro bastante amplo.



Cenário 1: Meu aluno autista está tendo dificuldades em seguir uma disciplina por conta do seu transtorno. Há estratégias didáticas que eu possa adotar?

Algumas estratégias podem ser adotadas para que o aluno tenha maior aproveitamento na aula. Ao explicar o conteúdo, certifique-se de que o aluno está acompanhando o raciocínio e sempre que utilizar uma figura de linguagem, tente explicar também de outro jeito para que o aluno compreenda. Não é necessário mudar sua didática, apenas adicionar um ou outro esclarecimento para que o aluno possa acompanhar. Por vezes, uma única metáfora não compreendida faz com que o autista não consiga mais acompanhar o fluxo da aula.

Não exija que o aluno fique em sala quando há muito barulho e evite ventiladores barulhentos que dificultam a concentração. Atividades podem ser inclusivas, com instruções claras e possibilidade de realização individual.

Os autistas também podem ter muita dificuldade de falar em público e responder perguntas sem a oportunidade de refletir. Evite questionar os alunos autistas durante a aula em frente a todos, pois pode ser muito difícil formular uma resposta sob pressão e isso pode causar muito constrangimento e ansiedade ao aluno, que pode se desinteressar pela matéria por esses sentimentos.

Cenário 2: Tenho um aluno autista em uma disciplina. Ele solicitou adaptações para as avaliações. Quais adaptações devo adotar?

Devido à ansiedade, sensibilidade sensorial, dificuldade de interpretação e dificuldade de função executiva (que afeta as habilidades de planejamento e manejo de tempo), uma prova pode ser extremamente estressante e não refletir o conhecimento do autista sobre a matéria.

Um exemplo de uma adaptação é a **avaliação alternativa**. Um trabalho ou lista de exercícios dão a oportunidade da pessoa ser avaliada de acordo com suas habilidades. Por exemplo, em uma disciplina cuja avaliação regular é oral, pode ser necessário oferecer uma avaliação alternativa escrita para um aluno autista não-verbal, para aqueles que têm dificuldade de fala ou que se expressam melhor por escrita. Lembre-se de que o autismo é uma deficiência principalmente da comunicação, qualquer coisa que envolva comunicação é mais difícil para um autista.

Às vezes, também é necessária a **reestruturação de enunciados** e instruções de trabalhos, provas e exercícios para que o aluno compreenda melhor o que está sendo pedido. Autistas precisam de instruções muito bem explícitas e detalhadas para que possam executar uma tarefa sem dificuldade.

Alguns autistas podem solicitar a **realização da avaliação em um local separado**. Isso está ligado à hipersensibilidade sensorial enfrentada por algumas de pessoas com TEA. Barulhos e outros estímulos sensoriais, mesmo que mínimos, podem ser uma barreira para o foco e atenção.

Uma das características do TEA são déficits na comunicação e interação social. Por isso, autistas podem ter maior dificuldade em realizar **trabalhos em grupo**. Ao permitir que os alunos escolham os grupos, o autista pode escolher colegas que já conheçam seu diagnóstico. Além disso, visto que muitos autistas têm dificuldades com mudanças, pode ser mais confortável realizar o trabalho com seu grupo usual.

Cenário 3: Meu aluno autista teve um *meltdown* ou *shutdown*. como devo proceder?

Conforme discutido anteriormente, um autista pode entrar em crise em cenários de excesso de estímulos sensoriais, cargas emocionais fortes, ou mudanças em seus padrões de comportamento. Essas crises podem ser *meltdowns* ou *shutdowns*.

Caso seu aluno autista tenha uma crise durante a aula, vale lembrar que o gatilho não foi, necessariamente, a atividade didática e elementos da sala. A pessoa com TEA pode ter acumulado estresse de outros eventos e estímulos anteriores à aula.

Visto que muitas crises são desencadeadas por excesso de estímulos sensoriais, a primeira medida deve ser levar o autista para um ambiente mais calmo. O local pode ser uma sala de aula ou escritório vazio, por exemplo. Características desejáveis são menos barulho, iluminação suave, e número reduzido de pessoas.

Cada pessoa com TEA tem seus próprios mecanismos para lidar com uma crise. Deste modo, é importante perguntar ao próprio autista o que pode ajudá-lo. Por exemplo, seu aluno pode solicitar que alguém pegue um objeto para *fidgeting*. Em casos de *shutdown*, a pessoa com autismo tem sua capacidade de comunicação reduzida, e portanto dê preferência a perguntas simples.

Dê tempo para que a pessoa autista possa se recuperar. Podem ser necessários minutos, horas, ou o resto do dia. Exigir que o autista retorne às atividades normais antes de recuperar-se pode prolongar ou agravar a crise. Se for necessário, dispense seu aluno da atividade durante todo o período. Caso seja uma atividade essencial como uma avaliação, ofereça de realizá-la em outro momento.

Cenário 4: Sou orientador de um aluno autista. Temos algumas barreiras de comunicação. Que estratégias eu posso adotar?

Como pessoas com autismo têm déficits em comunicação e interação social, pode parecer mais difícil comunicar-se com seu orientando autista. Isso pode ser uma barreira em atividades como dar instruções de pesquisa, discussão de resultados, e confraternizações de laboratório.

Novamente, o primeiro passo é o **diálogo** com seu aluno autista. Caso você se depare com alguma barreira, comunique-a explicitamente a seu aluno em uma reunião privada. Discutam estratégias e adaptações que possam ser viáveis para o orientador, aluno, e outros membros do grupo de pesquisa.

Como autistas tem maior dificuldade na interpretação de linguagem (por exemplo, em linguagem não-verbal), procure ser **explícito** sobre suas orientações e expectativas.

Em caso de sugestões de mudanças e novas linhas de pesquisa, seja cauteloso ao conversar com o aluno. Pessoas autistas têm muita dificuldade com mudanças e uma mudança brusca, principalmente em um assunto de interesse, pode causar muito estresse e desmotivação.

RESUMO

O **Transtorno do Espectro Autista** é caracterizado por déficits na comunicação e padrões de comportamento restritos e repetitivos do comportamento. As manifestações do autismo são variáveis e cobrem um amplo espectro de apresentações clínicas.

Há vários autistas matriculados na Universidade de São Paulo, e muitos fazem parte do Coletivo Autista da USP. Caso você tenha um aluno autista, pode ser necessário:

1. Caso solicitado, providenciar métodos de avaliação alternativa, ou fazer uma correção diferenciada levando em consideração as capacidades do aluno. Isso pode ser relevante em atividades que exigem muita interação social e comunicação. Algumas das adaptações podem ser:
 - a. Mais tempo de prova devido à dificuldade de interpretação e expressão que pode tomar mais tempo que uma pessoa típica e dificuldade de função executiva, ou seja, organização que permite o manejo de tempo de forma adequada;
 - b. Avaliação alternativa (lista de exercícios, trabalho) para que o aluno tenha mais tempo de interpretar e entender o que está sendo pedido e não seja prejudicado por alguma questão sensorial no dia da prova;
 - c. Trabalhos individuais devido à dificuldade de interação social e de trabalhar em grupo;
 - d. Trocar apresentação de trabalho por trabalhos escritos ou vídeo devido à dificuldade de expressão verbal e, por vezes, dificuldade de fala;
 - e. Aplicar mais de uma avaliação durante o semestre e/ou permitir tempo adicional para entrega de provas e trabalhos para evitar sobrecarga;
 - f. Permitir que o aluno escolha participar de atividades em ambientes com muitas pessoas e estímulos sensoriais.

RESUMO

Em outras situações, atente-se:

Em casos de meltdown ou shutdown (crise), levar o aluno para um local calmo, com poucos estímulos sensoriais, e permitir tempo para recuperação. E, se necessário, desenvolver explicações e materiais com enunciados mais claros, instruções explícitas e poucas figuras de linguagem.

E lembre-se: o mais importante é sempre dialogar com seu aluno autista, para entender quais são suas necessidades e desafios. O autismo é um espectro, e por isso cada um tem suas próprias características.

REFERÊNCIAS E RECURSOS ADICIONAIS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5 ed, texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

GALVAO, Maria Cristiane Barbosa e RICARTE, Ivan Luiz Marques. **A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11): características, inovações e desafios para implementação**. Asklepion: Informação em Saúde, v. 1, n. 1, p. 104-118, 2021.

O COLETIVO AUTISTA DA USP



O Coletivo Autista da Universidade de São Paulo (CAUSP) é uma iniciativa dedicada a pessoas autistas que fazem parte da comunidade USP, e estão interessadas em formar amizades, discutir o TEA e contribuir para a expansão de pautas relacionadas ao autismo. O CAUSP é um lugar para troca de experiências e apoio mútuo, onde as pessoas podem compartilhar suas vivências e receber suporte de outros membros da comunidade autista.

Podem participar do CAUSP:

- Pessoas com diagnóstico formal de TEA.
- Pessoas em processo diagnóstico, com suspeita profissional de autismo.



Instagram: @coletivoautista



E-mail: uspcoletivoautista@gmail.com



Inscrição: <https://forms.gle/Js898uMJN7XZqd7EA>

CRÉDITOS

Pesquisa e autoria

Amanda César Corrêa

Autista e membro do CAUSP. Graduanda em Letras da FFLCH-USP.

Carlos Alberto Marques Rabelo

Autista e membro do CAUSP. Graduando em Ciência da Computação do IME-USP.

Maria Laura Gabriel Kuniyoshi

Autista e membro do CAUSP. Bióloga pela UNESP, mestre em Biologia Molecular pela Università di Padova, e doutoranda em Bioinformática pela USP.

Consultoria e revisão

Joana Teixeira Portolese

Coordenadora do Programa de Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP. Psicóloga pela PUC, e doutoranda em Psiquiatria pela USP.

Isadora Valadares Assunção

Autista e membro do CAUSP. Graduanda em Direito na FD-USP.